



## Continuo a sonhar!

Por A. Domingues de Azevedo, presidente da Direcção da CTOC

*Não me julguem por aquilo que eu for capaz de dizer, julguem-me pelo que for capaz de fazer.*

Passados 11 anos sobre o dia em que foi feita aquela afirmação no Salão Nobre do Ministério das Finanças, a 15 de Julho de 1996, aquando da tomada de posse da Comissão Instaladora e de Inscrição da então Associação dos Técnicos Oficiais de Contas, ela continua actual, tanto nas palavras que expressam um estado de espírito, como nos actos que a corporizam.

Aquela expressão traduzia uma inabalável vontade de vencer os obstáculos com que se debatia a profissão, encerrava sonhos, esforço e vontade para fazer algo de novo e diferente.

Na grande caminhada que temos vindo a percorrer, nobre foi a determinação de todos aqueles que aceitaram este desafio. Houve momentos de alegria, de tristeza, de dúvida e de incerteza. Em todos eles, mesmo nos mais delicados, a prioridade foi sempre a mesma: os Técnicos Oficiais de Contas.

Não obstante em algumas ocasiões terem sido ultrapassadas as minhas melhores expectativas, nunca tive uma visão facilitista deste processo. Os 13 anos passados na Assembleia da República e o exercício efectivo da profissão, permitiram-me ter uma imagem muito próxima da sua realidade.

O associativismo privado, convencido da sua hegemonia junto dos profissionais, foi outro escolho que foi necessário ultrapassar, possibilitando uma via própria para a Instituição, libertando-a de uma imagem de “guerrilha” associativa que não se enquadrava no perfil e objectivos de uma entidade de carácter público.

Como é evidente, todas aquelas alterações, a par do reconhecimento da grande maioria dos profissionais do excelente trabalho desenvolvido, trouxeram-me também um conjunto de fiéis adversários.

Adversários que, pelo menos até hoje, se têm limitado a criticar o que se tem feito, mas nunca apresentaram uma via alternativa para conduzir a nossa profissão.

Nestes anos, tenho posto em prol desta causa o melhor do meu saber, criatividade, esforço e empenho. Tenho consciência que a nossa profissão evoluiu de forma segura, ao ponto de começarmos a ter profissionais que têm e discutem opiniões, e que antes, subservientemente, se encontravam dependentes das informações recebidas dos serviços de Finanças.

Tive a felicidade de ter como companheiros de caminhada excelentes profissionais que cobriam praticamente as diversas áreas da profissão.

Isso tem possibilitado a realização e desenvolvimento de acções de grande qualidade e valia profissional: é o caso do CD, o consultório técnico, a revista científica “Contabilidade e Gestão”, o plano de pensões, o seguro de saúde e tantas outras ferramentas que tornar-se-ia fastidioso elencar.

Sei que nem todas as pessoas comungam desta minha opinião. Quando questionados sobre o que fariam de diferente, os nossos detractores limitam-se a debitar conceitos vagos, o que não deixa de ser sinónimo de ausência de ideias para a profissão.

De qualquer modo, quem aceita a responsabilidade de gerir os destinos de uma Instituição com a dimensão da nossa, tem que ter plena consciência que nunca consegue agradar a todos.

Haverá sempre os críticos que pensam de forma diferente. Isso não me preocupa. Convivo bem com a crítica. Existe uma coisa contra a qual não serei capaz de lutar. Encaro a minha presença nesta Instituição como um mandato dos membros. Quando tiver a percepção que não represento o pensamento e os anseios dos profissionais, então serei eu a afastar-me. Até lá, não haverá crítica ou atitude que me demova de cumprir esta missão ao serviço dos Técnicos Oficiais de Contas.

Tal como em 1996, continuo a sonhar com uma profissão melhor. ■